

RANKINGS ACADÊMICOS: EMERGÊNCIA, PROLIFERAÇÃO E IMPLICAÇÕES PARA A GESTÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

ACADEMIC RANKINGS: EMERGENCY, PROLIFERATION AND IMPLICATIONS FOR THE MANAGEMENT OF HIGHER EDUCATION

Lara Carlette Thiengo

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, SC, Brasil, laracarlette@gmail.com

Lucídio Bianchetti

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, SC, Brasil, lucidio.bianchetti@pq.cnpq.br

Cezar Luiz de Mari

Universidade Federal de Viçosa – UFV, MG, Brasil, cezardm67@gmail.com

DOI: <http://dx.doi.org/10.31512/rg.v6i1.2698> Autores convidados

Resumo

Neste artigo, que é parte das discussões elaboradas em tese de doutorado, analisa-se a conjuntura de emergência e proliferação dos *rankings* acadêmicos nacionais e internacionais, bem como seus principais indicadores e implicações para a gestão universitária. Em termos metodológicos, utilizou-se o levantamento bibliográfico de literatura nacional e internacional e a análise das métricas de dois principais rankings internacionais – *Times Higher Education* (THE) e *Academic Ranking of World Universities* (AWRU).

Palavras-chaves: *Rankings*. Governança. Gestão universitária.

Abstract

In this article, which is part of the discussions elaborated in doctoral thesis, the emergence and proliferation of the national and international academic rankings are analyzed, as well as their main indicators and implications for university management. Methodologically, we used the literature review and the analysis of the metrics of two main international rankings – *Times Higher Education* (THE) e *Academic Ranking of World Universities* (AWRU).

Keywords: Rankings. Governance. University management.

1 Introdução

Os *rankings* acadêmicos da educação superior vêm se proliferando e auferindo cada vez maior notoriedade no cenário global, o que torna incontestável a força com que estes impactam as históricas atividades desenvolvidas pelas universidades e com isso a governança universitária em âmbito institucional e, de modo mais amplo, a governança transnacional deste nível de educação.

Cria-se um cenário em que obter sucesso ou simplesmente sobreviver requer mudanças significativas na forma pela qual as IES estão orientadas e estruturadas, o que indica que os *rankings* se tornaram convenientes e oportunos instrumentos de políticas e ferramentas de administração: a governança por números (GREK; 2016) e a governança baseada em *benchmarking* (AZEVEDO, 2016).

Considerando o exposto, neste artigo, que é parte das discussões elaboradas em tese de doutorado, discutimos o contexto de emergência e proliferação dos rankings; os indicadores e métricas de dois dos principais *rankings* – *Times Higher Education* (THE) e *Academic Ranking of World Universities* (AWRU) –, bem como as principais implicações para a governança transnacional deste nível de ensino e a gestão institucional.

2 Contexto de emergência e proliferação dos *rankings*

Os primeiros *rankings* acadêmicos datam de antes das atualmente consagradas versões mundiais, inicialmente com o *America's Best Colleges*, publicado nos Estados Unidos em 1983 pelo semanário *U.S. News & World Report*. Nesse mesmo período, de acordo com Webster (1986), outras tabelas classificatórias de escopo nacional foram criadas com o objetivo primário de orientar os estudantes estadunidenses na escolha da universidade para a continuação de seus estudos. Assim, é possível afirmar que a experiência estadunidense inspirou outros países no tocante à criação de sistemas nacionais de classificação de universidades.

Entretanto, de acordo com Santos (2015), nesse período a comunidade científica em particular e a sociedade em geral deram pouca atenção ao fato. Somente após a década de 2000 é que ocorre a proliferação de *rankings* por todo o mundo, avançando a partir de uma gama de atores públicos e privados, entre os quais as instituições acadêmicas, as empresas de comunicação e demais organismos especializados (ROBERTSON, 2010).

Neste contexto, o *Academic Ranking of World Universities* (ARWU), produzido pela *Shanghai Jiao Tong University*, foi o primeiro *ranking* global no formato com que os conhecemos atualmente. Publicada em 2003, a classificação tinha como objetivo definir as características de uma Universidade de Classe Mundial, obter financiamento do Governo Chinês, bem como comparar as instituições do país com as dos Estados Unidos. Todavia, o resultado desta lista reverberou em todo o mundo, tendo como desdobramento a emergência de vários outros *rankings*, bem como o aumento do seu nível de importância.

Analisando este contexto percebemos que com o avanço do neoliberalismo e da internacionalização da educação superior, os *rankings* ganham maior expressividade, especialmente quando os Estados-nação, na condição de avaliadores, passam a orientar suas avaliações pela lógica da comparabilidade, a divulgar os resultados em forma de ranqueamentos e ainda a utilizar dados e métricas provenientes dos *rankings* produzidos por instituições privadas. A emergência dos *rankings* privados, por sua vez, pode ser interpretada como decorrência do processo de institucionalização de um mercado para a educação superior articulado a um momento em que se verificam processos de reforma dos Estados Nacionais.

Compreendemos, nesta perspectiva, que a notoriedade adquirida nas últimas duas décadas pelos *rankings* está articulada, às transformações no próprio cenário da educação superior no âmbito da globalização e à suposta transição para a 'sociedade do conhecimento' ou 'economia baseada em conhecimento', o que permite identificar a existência de uma agenda global estruturada para a educação (DALE, 2004). Considerando a necessidade constante de acumulação do capital, seja a partir da expansão de mercados ou do aumento da expropriação do trabalho, entendemos que os *rankings* atendem às novas demandas do capital, na medida em que contribuem para a criação de parâmetros para a definição de qualidade e excelência acadêmica, criam rótulos e regulam/dinamizam o mercado de mobilidade acadêmica.

O tema também ganhou espaço em fóruns que reúnem governantes e especialistas de todo o mundo, com elaboração de documentos e relatórios de estudos por parte de governos, OIs, *think-thanks*, entre outros atores.

Em 2004, a Unesco criou o Grupo Internacional de Especialistas em *rankings* (*International Ranking Expert Group – Ireg*), reunindo, por meio de seu órgão subordinado, o Centro Europeu para o Ensino Superior (*Centre Européen pour l'Enseignement Supérieur – Cepes*), consultores *ad-hoc* e entidades colaboradoras, como a Associação Universitária Europeia (*European University Association*), o Instituto de Política de Educação Superior (*Institute for Higher Education Policy*), de Washington/DC, e o Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior alemão (*Centrum für Hochschulentwicklung – CHE*). Em 20 de maio de 2006,

o IREG apresentou o documento *Princípios de Berlim para rankings de Instituições de Ensino Superior* (IREG, 2006), um conjunto de dezesseis diretrizes para orientar os produtores de *rankings* na elaboração de suas classificações, com base em quatro categorias: objetivos e metas dos *rankings*; metodologia adotada: escolha e peso dos indicadores; coleta e processamento de informações; e apresentação dos resultados nos *rankings*.

Em 2009, os *rankings* também foram discutidos em conferência organizada pela Unesco: *Trends in Global Higher Education: Tracking an Academic Revolution* (ALTBACH et al., 2010). A iniciativa da Unesco em relação aos *rankings* educacionais expressa a relevância deste organismo nas Redes de Políticas Globais, enquanto intelectual coletivo do capital, articulado a outras instituições de menor prestígio ‘humanizador’.

Outro desdobramento do êxito dos *rankings* que merece ser destacado é a reação da UE. De acordo com Robertson (2009), em resposta à ausência de universidades europeias nas primeiras 50 posições dos dois principais sistemas de *rankings*, com exceção das instituições do Reino Unido, em fevereiro de 2009 a Comissão Europeia abriu um concurso com o qual destinou cerca de um milhão de euros para financiar um grande projeto de investigação sobre um sistema europeu de *rankings* que fosse aplicável em todo o mundo, cujo desdobramento foi a criação do *U-Multirank*¹.

3 Principais *rankings* e indicadores

De acordo com Calderón (2010) e Ordorika e Gómez (2010), assiste-se à expansão, em âmbito global, dos mais variados tipos de *rankings* acadêmicos, por meio dos quais tenta-se mensurar a qualidade das universidades.

Em geral, os *rankings* são globais, nacionais ou regionais e têm como objetivo classificar instituições inteiras, embora haja, de acordo com Hazelkorn (2013a), um foco crescente dessas classificações em campos científicos específicos, por disciplina ou profissão. Ainda é preciso considerar que alguns são de cunho acadêmico, gerenciados por instâncias públicas, outros por instâncias privadas, e também há aqueles que não geram tabelas classificatórias.

No Quadro 1, a seguir, apresentamos alguns dos principais *rankings* acadêmicos globais, agrupados de acordo com suas especificidades:

Quadro 1: Principais *rankings* acadêmicos mundiais

Principais <i>rankings</i> mundiais da educação superior
<i>Academic Ranking of World Universities</i> (ARWU) / <i>Shanghai Jiao Tong University</i> ²
<i>World University Ranking</i> (WUR) / <i>Times Higher Education</i> (THE)

¹ De acordo com o *site* institucional (CHE; CHEPS, 2017), o *U-Multirank* refere-se a uma abordagem multidimensional, financiada pela Comissão Europeia e realizada por um consórcio liderado pelo professor Frans van Vught, do Centro de Estudos de Política de Ensino Superior (Cheps) da Universidade de Twente, na Holanda, e pelo Professor Frank Ziegele, do Centro de Ensino Superior (CHE), na Alemanha. A abordagem não gera um *ranking*, mas compara os desempenhos das IES nas cinco grandes dimensões da atividade universitária: (1) ensino e aprendizagem, (2) investigação, (3) transferência de conhecimentos, (4) orientação internacional e (5) regional. A ferramenta web *U-Multirank* permite estabelecer comparações sobre a universidade como um todo e também quanto a campos específicos de estudo. Baseado em dados empíricos, o *U-Multirank* compara instituições com perfis institucionais semelhantes e permite aos usuários desenvolver seus próprios *rankings* personalizados, selecionando indicadores conforme suas próprias preferências.

² Trataremos especificamente destes *rankings* no subitem a seguir.

Principais rankings mundiais da educação superior
<i>QS World University Rankings (QS)</i> ¹
<i>Webometrics Ranking of World Universities</i> ²
<i>SCImago Institutions Rankings (SIR)</i> ³
<i>U.S. News & World Report's Best Global Universities Rankings</i> ⁴
Multi rankings que se utilizam de indicadores e não produzem tabelas classificatórias
<i>European Multidimensional University Ranking System (U-Multirank)</i> ⁵
<i>G-factor</i> , da empresa Google ⁶
Ranking comparativo com base em resultados de aprendizagem
<i>Assessment of Higher Education Learning Outcomes Project (Ahelo)</i> ⁷

Fonte: Elaboração dos autores (2018).

Para além destes *rankings* de maior notoriedade no cenário global, há uma verdadeira proliferação destas tabelas de classificação, principalmente levando-se em conta os níveis regionais e nacionais (MOURA; MOURA, 2013; NUNES, 2014; SANTOS, 2015). Estas tabelas, de modo geral, são elaboradas a partir de indicadores similares aos *rankings* mundiais e têm como objetivo a publicização dos resultados em formato de *ranking*. Lourenço e Calderón (2015) fazem um levantamento dos principais *rankings* do espaço ibero-americano e indicam a expressividade da lógica da avaliação por comparabilidade – a cultura da competitividade – também nos países que não fazem parte do eixo dinâmico do capital. Alguns destes *rankings*: *Ranking de Universidades do jornal El Mercurio* (Chile), *Ranking de Universidades e Carreras*

¹ *QS World University rankings* são classificações universitárias anuais publicadas pela *Quacquarelli Symonds* (QS), do Reino Unido. A editora originalmente lançou seus *rankings* em publicação conjunta com a *Times Higher Education* (THE), entre 2004 e 2009, sob o nome *Times Higher Education-QS World University Rankings*, mas essa colaboração foi encerrada em 2010, com a retomada da publicação pela QS, utilizando a metodologia pré-existente e nova cooperação entre a *Thomson Reuters* e a *Times Higher Education World University rankings*. Atualmente, os *rankings* da QS compreendem tanto tabelas classificatórias mundiais quanto regionais, que são independentes e diferentes umas das outras devido a diferenças nos critérios e ponderações utilizadas para gerá-las.

² Produzido pela empresa espanhola *Cybermetrics Research Group* e publicado pela primeira vez em 2005, as classificações da *Webometrics* fazem o ranqueamento das universidades com base na sua presença global na internet. Especificamente, a classificação é projetada para mostrar e desenvolver o compromisso de uma instituição com a publicação *on-line* e o aprendizado de acesso aberto.

³ O *SCImago Institutions rankings* (SIR) é uma classificação de instituições acadêmicas baseada na pesquisa, aferida por meio de um indicador composto que combina desempenho da pesquisa, resultados da inovação e impacto social medido pela sua visibilidade na web. O *ranking*, utilizado desde 2009, é produzido pelo Grupo de Pesquisa *SCImago*, uma organização de pesquisa com sede na Espanha, composta por membros do Conselho Superior de Pesquisa Científicas (*Consejo Superior de Investigaciones Científicas* – CSIC) oriundos das seguintes instituições: Universidade de Granada, Universidade Carlos III de Madri, Universidade de Alcalá, Universidade de Extremadura e outras instituições de ensino espanholas.

⁴ Publicado pela *US News & World Report*. Esta empresa de comunicação americana lançou *ranking* global apenas em 2014, mas vem atuando com a classificação de universidades nos Estados Unidos desde 1983, quando lançou, de forma inédita, o primeiro *ranking*.

⁵ Foi explicitado em nota anterior.

⁶ *G-Factor* é a medida da presença de uma instituição na internet. No entanto, trata-se exclusivamente do número de ligações de outros *sites* universitários. Portanto, o fator pode ser considerado como uma espécie de análise por pares baseada na internet, em que a popularidade do *site* de uma instituição é medida a partir das perspectivas combinadas de um conjunto global de *sites* universitários.

⁷ De acordo com o *site* institucional da OCDE, esta abordagem, que ainda está em processo de desenvolvimento, tem como objetivo avaliar os resultados de aprendizagem do ensino superior, ou seja, o que os alunos do ensino superior sabem e podem fazer após a graduação. Elaborada pela OCDE, a abordagem Ahelo visa ser a avaliação direta do desempenho dos alunos em nível global, válida em diversas culturas, línguas e diferentes tipos de instituições.

(Chile), *Las Mejores Universidades* (México), *Ranking USapiens Colombia* (Colômbia), *Los Ranking de el Mundo* (Portugal e Espanha) e *Ranking Ibero-Americano de Produção Científica e Internacional*.

Já no Brasil, Lourenço e Calderón (2015) indicam o Guia do Estudante (GE), vinculado ao Grupo Abril, criado em 1988, e o *Ranking* Universitário Folha (RUF), lançado em 2012 pelo jornal Folha de S. Paulo, ou seja, ambos são produzidos por instituições privadas. Na esfera pública, há o Índice Geral de Cursos (IGC), ligado ao Ministério da Educação (MEC).

O RUF classifica anualmente 195 universidades públicas e privadas (o *ranking* de universidades) e, desde 2016, também produz o *Ranking* de Cursos. Os indicadores utilizados são: pesquisa, internacionalização, inovação, ensino e mercado de trabalho.

Já o IGC é um indicador de qualidade das IES produzido pelo MEC. Seu cálculo é realizado anualmente¹ levando em conta os seguintes aspectos: 1) média dos Conceitos Preliminares de Cursos (CPCs) do último triênio relativos aos cursos avaliados, ponderada pelo número de matrículas em cada um dos cursos; 2) média dos conceitos de avaliação dos programas de pós-graduação *stricto sensu* atribuídos pela Capes na última avaliação trienal disponível, ponderada pelo número de matrículas em cada um dos programas de pós-graduação correspondentes; 3) distribuição dos estudantes entre os diferentes níveis de ensino, graduação ou pós-graduação *stricto sensu*.

No âmbito do BRICS, a Rússia está em processo de elaboração de um novo *ranking* – o *Moscow International University Rankings*.

Em linhas gerais, concordamos com Nunes (2014) acerca de duas características comuns e interdependentes dessas diferentes tabelas de classificação. A primeira refere-se à luta pela sobrevivência e legitimidade de cada instituição perante as concorrentes, o que pode ser considerado como a criação de uma ‘indústria de *rankings*’ (ROBERTSON; OLDS, 2012). A segunda diz respeito à legitimidade e notoriedade atribuídas às instituições classificadas, a partir do que elegem como indicadores de excelência.

Tais constatações, entretanto, não indicam homogeneidade de perfis ou paridade de forças entre os *rankings* mencionados. Substancialmente, os *rankings* mundiais de maior prestígio estimulam a emergência de variações regionais, e até mesmo globais, destas tabelas de classificação acadêmica. Ou seja, cria-se um mercado (de *rankings*) para atender às demandas do mercado da internacionalização e embasar estatisticamente as tão requeridas transformações da universidade. Assim, os próprios *rankings* criados em diversos países podem ser considerados, de modo geral, desdobramentos dos primeiros *rankings* mundiais, utilizando inclusive indicadores e categorias similares.

Tendo isso em vista, no próximo subitem analisamos o ARWU, produzido pela *Shanghai Jiao Tong University*, e o *World University Ranking* (WUR)², elaborado pelo THE. Esta opção vincula-se ao fato de estes *rankings* serem considerados, de acordo com o levantamento bibliográfico sobre o tema, os de maior impacto e notoriedade internacional. Não obstante a relevância, ainda que relativa, dos demais *rankings*, utilizamos o ARWU e o

¹ Como o IGC considera a nota dos cursos avaliados no ano do cálculo e nos dois anos anteriores, sua divulgação refere-se sempre a um triênio, compreendendo todas as áreas avaliadas previstas no Ciclo Avaliativo do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade).

² Referimo-nos a este *ranking* como THE a fim de alinhar esta referência à bibliografia geral sobre o tema, bem como evitar possíveis incoerências interpretativas.

WUR/THE¹ como exemplos particulares do processo de ranqueamento acadêmico que vem ocorrendo especialmente nas últimas duas décadas.

3.1 Academic Ranking of World Universities (ARWU)

De acordo com Raughvargers (2011) e Santos (2015), este *ranking* é resultado de um projeto da Universidade *Jiao Tong de Xangai*, na China, que tinha como objetivo comparar a produção científica de sua instituição com as melhores universidades do mundo, de modo a averiguar quão distantes as universidades chinesas estavam das instituições de educação superior consideradas de ‘classe mundial’, assim como utilizar tais informações para promover o desenvolvimento de universidades de investigação chinesas.

Embora o propósito inicial do ARWU fosse encontrar a posição global das universidades chinesas, este *ranking* tem atraído grande atenção de universidades, governos, organizações e da mídia em todo o mundo, uma vez que, de acordo com Santos (2015), o resultado da lista ‘chocou o mundo’, especialmente os países membros da UE.

O ARWU é publicado anualmente e leva em consideração, para a classificação das universidades, os seguintes critérios: o número de prêmios Nobel e Medalhas *Fields*², de pesquisadores entre os mais citados, de artigos publicados nos periódicos científicos *Nature* ou *Science* e o número de artigos indexados nas bases *Science Citation Index Expanded* (SCIE) e *Social Sciences Citation Index* (SSCI). No total, cerca de duas mil universidades são selecionadas, dentre as quais 1,2 mil são efetivamente analisadas.

É importante destacar que os dados são coletados de fontes secundárias, dentre as quais o *site* oficial do Prêmio Nobel, o *site International Mathematical Union*, para as Medalhas *Fields*, as bases de dados da *Thomson Reuters*, para os dados de citação e de publicações e ainda fontes nacionais, sem depender de qualquer informação apresentada pelas próprias instituições.

A seguir, apresentamos cada um dos critérios, indicadores e pesos utilizados pelo ARWU.

3.1.1 Qualidade de ensino (10%)

O critério *qualidade de ensino* é composto pelo indicador *Alumni*, que representa o número de alunos da instituição ganhadores do Prêmio Nobel (Física, Química, Medicina e Economia) e de Medalhas *Fields* (Matemática). São considerados os alunos que cursaram bacharelado, mestrado ou doutorado na instituição, e por esse motivo, diferentes pesos são atribuídos de acordo com os períodos de obtenção de graus. O peso é de 100% para alunos com obtenção de graus entre 2001-2010, de 80% para os alunos que obtiveram diplomas entre 1991-2000, de 60% para ex-alunos que obtiveram diplomas entre 1981-1990, de 40% para alunos que obtiveram diplomas entre 1971-1980 e de 20% para ex-alunos que obtiveram diplomas entre 1961-1970. Mesmo que o aluno enquadre-se em mais de um grau, a instituição é pontuada apenas uma vez (ARWU, 2016).

¹ Faremos referência a este *ranking* como THE, uma vez que as métricas utilizadas pelo WUR são as mesmas utilizadas pelas demais classificações elaboradas por esta empresa ranqueadora. Ademais, na literatura acadêmica, de modo geral, é nestes termos que se faz referência a este *ranking*.

² Prêmio concedido a dois, três ou quatro matemáticos com não mais de 40 anos de idade, durante o Congresso Internacional da União Internacional de Matemática (IMU), que acontece a cada quatro anos. Considerado uma das maiores honrarias para os profissionais da área, o prêmio é conhecido como o *Nobel* dos matemáticos.

3.1.2 Qualidade do corpo docente (40%)

O critério *qualidade do corpo docente* é composto de dois indicadores, a saber: *Award* e *HiCi* (citações).

O indicador *Award* (prêmios) representa o número de membros da instituição que ganharam Prêmio Nobel nas áreas de Física, Química, Medicina e Economia ou a Medalha *Fields* de Matemática, considerando a equipe que trabalhava na instituição no momento em que o prêmio foi conquistado.

Há pesos diferenciados de acordo com os períodos em que os prêmios foram concedidos¹. Para os Nobeis, se um prêmio é compartilhado por mais de uma pessoa, os pesos são ajustados entre os vencedores de acordo com a respectiva proporção do prêmio. No cálculo deste indicador, todos os ganhadores de Medalha *Fields* somam três pontos para sua instituição, enquanto o Prêmio Nobel soma três pontos apenas quando o prêmio não é compartilhado por mais de uma instituição (ARWU, 2016).

Já o indicador *HiCi* representa o número de pesquisadores altamente citados em categorias de assuntos da base *Essential Science Indicators*, elaborada pela *Thomson Reuters*².

3.1.3 Resultados de pesquisas (40%)

O critério *resultados de pesquisas* é composto por dois indicadores: *N&S* (*Nature* e *Science*) e *PUB* (Papers indexed in Science Citation Index-expanded and Social Science Citation Index).

O Indicador *N&S* contabiliza o número de artigos publicados nas revistas *Nature* e *Science* durante os cinco anos anteriores, considerando apenas artigos que apresentem resultados de pesquisa, excluindo os de revisão (*review*) e demais produções. Para determinar a ordem da instituição de cada autor, é atribuído um valor de 100% para afiliação de primeiro autor, de 50% para o segundo, de 25% para a afiliação do terceiro autore de 10% para as afiliações dos demais autores.

Ambas as revistas publicam em inglês. A *Nature* é publicada pelo *Nature Publishing Group*, com sedes em Londres e Nova York. A *Science*, pela *American Association for the Advancement of Science*, com sede em Washington/DC. Desse modo, segundo Thery (2010), não surpreende a facilidade com que cientistas anglófonos publicam seus artigos, não somente em virtude do domínio do idioma mas também porque os comitês científicos dessas revistas são majoritariamente compostos de investigadores procedentes desses países.

Já o indicador *PUB* refere-se ao número total de artigos indexados nas bases *Science Citation Index-Expanded* e *Social Sciences Citation Index* em ano anterior. Somente

¹ O peso é de 100% para os vencedores depois de 2011, de 90% para os vencedores entre 2001-2010, de 80% para os vencedores entre 1991-2000, de 70% para os vencedores entre 1981-1990 e assim por diante, finalizando com 10% para os vencedores entre 1921-1930. Se o vencedor pertence a mais de uma instituição, a cada uma delas é atribuído um valor fracionado, proporcional ao número de instituições.

² De acordo com Santos (2015), em 2014, a *Thomson Reuters* elaborou nova lista de pesquisadores altamente citados com cerca de três mil nomes, que está substituindo a classificação anterior, elaborada pela mesma instituição em 2001. Como foram utilizadas metodologias diferenciadas para cada uma delas, atualmente há uma regra de transição entre as duas listas. Desse modo, a pontuação final de uma instituição no indicador *HiCi*, conforme o ARWU 2014, é a média da pontuação nas duas listas, de modo que a pontuação de uma instituição na lista velha é a mesma que no ARWU 2013, e a pontuação *HiCi* de uma instituição na nova lista depende do número de pesquisadores mais citados na nova lista (SANTOS, 2015).

publicações consideradas como artigos de revista de congresso são contempladas¹. Ao calcular-se o número total de artigos de uma instituição, um peso especial (peso 2) é atribuído aos artigos indexados pela *Social Sciences Citation Index*.

3.1.4 Tamanho da instituição (10%)

Este critério é composto pelo indicador *Per capita performance of an institution* (PCP), calculado com base nas pontuações ponderadas dos cinco indicadores anteriores divididas pelo número equivalente de acadêmicos em tempo integral da instituição. Nos casos em que o número de docentes das instituições de um país não puder ser obtido, utilizam-se resultados ponderados dos cinco indicadores empregados no *ranking*. De acordo com Thery (2010), este indicador produz pouco efeito, já que os melhores resultados são obtidos exatamente pelas grandes universidades do nordeste dos Estados Unidos e da Califórnia, assim como pelas universidades britânicas.

As maiores universidades, considerando o número de acadêmicos ou a proporção entre o tamanho das instituições e o número de estudantes, têm melhor desempenho, especialmente as dos países de língua inglesa. De modo geral, para Enders (2015), as universidades de países com contingentes populacionais maiores, com gasto público mais elevado em educação e pesquisa ou melhor organizadas em relação à gestão da área, também apresentam resultados melhores. De acordo com os resultados dos *rankings* mais recentes, em relação às 100 melhores universidades, em primeiro lugar aparece os Estados Unidos, seguidos por Reino Unido, Austrália, Alemanha e Japão, França, Suécia e Suíça.

Além do *ranking* global de universidades, o ARWU também produz o ARWU-FIELDS, um *ranking* por grandes áreas que passou a ser publicado em 2007, e o ARWU-SUBJECT, um *ranking* das melhores instituições em cinco disciplinas (Matemática, Física e Ciências Espaciais, Química, Ciência da Computação, Economia e Negócios), publicado desde o ano de 2009. Santos (2015) constata que o processo de produção do *ranking* por áreas é semelhante ao processo de elaboração da classificação global de universidades, tanto em relação à metodologia aplicada quanto aos indicadores utilizados. A diferença está na atribuição de pesos distintos aos indicadores aplicados especificamente a cada área.

Nunes (2014) afirma que o *ranking* em questão pode ser visto como um sintoma do gosto chinês pela ordenação e classificação, bem como reflete um desejo político de participar da definição de padrões globais de educação superior. Ainda de acordo com o autor, o relatório enfatiza que os produtores deste *ranking* pretendem torná-lo uma ferramenta universal de comparação entre instituições e entre países. No âmbito da crítica, está a utilização de indicadores objetivos, a partir de fontes externas às universidades e verificáveis por todos, indicadores limitados que apenas dizem respeito à pesquisa, sem qualquer consideração sobre o ensino e as oportunidades profissionais.

3.2 Times Higher Education (THE) – World University Rankings (WUR)

O WCU começou a ser publicado em 2004, pelo THE, como resposta ao AWRU, em parceria com *Quacquarelli Symonds Ltda* (QS) e alimentado pela *Thomson Reuters*. Em 2004, a parceria com o QS foi dissolvida e dois novos *rankings* foram criados, a saber:

- **Times Higher/Thomson Reuters – WCU (World-Class Universities)**, criado em 2010 pelas empresas THE (inglesa) e *Thomson Reuters* (canadense/britânica, com sede em

¹ Cada trabalho publicado por uma instituição é classificado em uma das seis grandes áreas temáticas, de acordo com a área das revistas em que o artigo foi publicado. Se um artigo foi publicado em revista classificada em mais de uma área, o peso é dividido por cada uma delas.

Nova Iorque), é um *ranking* mais restrito, na medida em que seus responsáveis se dispõem a classificar apenas as quatrocentas melhores universidades em âmbito mundial;

• **QS World University rankings – Top Universities**, criado em 2010 pela empresa QS Ltd (inglesa) em parceria com *US News* e o *World Report Best Colleges* (USNW), empresa responsável pelo ranqueamento das universidades americanas, é o mais amplo dos *rankings*, na medida em que mais de setecentas universidades são avaliadas como as melhores em âmbito mundial.

É importante destacar que o fim desta parceria significou uma mudança substancial na metodologia do *ranking* para as edições de 2010 em diante. De acordo com Rauhvargers (2011) e com o THE (2014), os seis indicadores iniciais (antes do rompimento da parceria) transformaram-se em 13, divididos em cinco dimensões.

3.2.1 Ensino – ambiente de aprendizado (30%)

Esta categoria emprega cinco indicadores de desempenho destinados a fornecer uma noção do ambiente de ensino e aprendizagem de cada instituição, a partir da perspectiva do aluno e do professor, proporções entre números e tipos de cursos, alunos e docente, bem como a reputação da instituição.

Para calcular a reputação de cada universidade, o *ranking* utiliza os resultados da pesquisa Reputação Acadêmica (realizada pela *Thomson Reuters*), que contém cerca de dez mil respostas compondo a amostra, colhidas entre professores e alunos, a fim de examinar o prestígio das instituições no quesito ensino¹.

Outro indicador é a proporção de PhDs (*Philosophiae Doctor*) por bacharéis graduados. De acordo com Nunes (2014), para os formuladores do *ranking*, as IES com alta densidade de estudantes em Programas de Pós-graduação são mais intensas em conhecimento e atrativas para alunos da graduação. Segundo o autor, a presença de uma comunidade ativa neste nível de ensino é um marcador de pesquisa eficaz em termos de gestão e também o reflexo de um ambiente de ensino valorizado pelos alunos da graduação e da pós-graduação. Os dados relativos ao número de doutores premiados, ao tamanho da IES e ao número total do pessoal docente também são contabilizados.

A categoria também comporta a relação entre a taxa de admissão de alunos na IES e o quantitativo docente, fundamentada no entendimento de que um grande volume de alunos demandará coerente medida docente/pessoal-administrativa. Os próprios arquitetos do *ranking* consideram essa medida um tanto frágil, por isso seu peso é baixo no contexto de sua categoria e na ponderação geral (4,5%).

De acordo com o *site* do THE (2016), além de estimar o quanto uma instituição está empenhada em preparar a próxima geração de acadêmicos, uma alta proporção de estudantes de pesquisa de pós-graduação também sugere a oferta de ensino no mais alto nível. Isso porque, para os produtores do THE, as instituições com uma alta densidade de estudantes de pesquisa são mais intensivas em conhecimento, bem como a presença de uma comunidade de pós-graduação é um marcador de um ambiente de ensino orientado para a investigação.

¹ As respostas foram estatisticamente representativas da combinação geográfica e de temas da academia global. Os dados de 2016 são combinados com os resultados da pesquisa de 2015, alcançando mais de 20 mil respostas.

3.2.2 Pesquisa – volume, renda e reputação (30%)

Nesta dimensão são usados os seguintes indicadores: *Reputação em investigação* (18%), *Renda para investigação* (6%) e *Produtividade da pesquisa* (6%).

O indicador *reputação em investigação* é o mais expressivo no cálculo do *ranking*, uma vez que analisa a reputação de excelência em pesquisa de uma universidade entre seus pares com base nas respostas à Pesquisa anual de Reputação Acadêmica, realizada pelo instituto *Thomson Reuters*. O alto peso do indicador resulta do grau de confiança que ele possui entre os acadêmicos, que tendem a ser mais bem-informados sobre a reputação dos departamentos de pesquisa em seus campos de especialidade.

Outro indicador é a receita disponível para pesquisa – fator crucial para o desenvolvimento de pesquisas de classe mundial. De acordo com o *site* institucional (THE, 2016), a receita de pesquisa é escalonada em relação ao número de funcionários acadêmicos e ajustada pela paridade do poder de compra. Deve-se considerar, contudo, que este é um indicador controverso, porque pode ser influenciado pela política nacional e pelas circunstâncias econômicas.

Já para medir a produtividade é considerado o número de artigos publicados nas revistas acadêmicas indexadas pela base de dados *Scopus*, da *Elsevier*, o que, para o THE, representa a capacidade da universidade para publicar em revistas de qualidade revisadas por pares. Assim, conta-se o número de artigos publicados nas revistas científicas indexadas na base *Thomson Reuters*, por acadêmico, em uma escala proporcional ao tamanho total da universidade.

3.2.3 Citações – influência da pesquisa (32,5%)

O indicador para esta categoria é o *Impacto de pesquisa*. Examina-se a influência da pesquisa contabilizando-se o número de vezes que os trabalhos publicados por uma universidade são citados por estudiosos do mundo inteiro. O *Thomson Reuters* inclui todos os periódicos indexados publicados em determinado período (cinco anos). De acordo com o instituto, as citações ajudam a mostrar quanto cada universidade está contribuindo para a soma do conhecimento humano, quais pesquisas têm se destacado, o que foi aproveitado e construído por outros estudiosos e o que foi compartilhado em torno da comunidade acadêmica mundial.

Os dados são tabulados com o fim de refletir variações no volume de citações entre diferentes áreas. A partir da metodologia do *ranking* 2015-16, foram excluídos os trabalhos com mais de mil autores, uma vez que estas publicações estavam causando um impacto desproporcional sobre os resultados de citação de um pequeno número de universidades. Na nova versão da metodologia do *ranking*, o THE projetou, juntamente com a *Elsevier*, uma nova abordagem de contagem fracionada, que garante que todas as universidades dos autores desses artigos recebam ao menos 5% da pontuação do trabalho e as instituições das quais fazem parte os autores que mais contribuíram para o trabalho recebam uma pontuação consideravelmente maior.

3.2.4 Captação de recursos da indústria – inovação (2,5%)

Refere-se à capacidade de uma universidade em colaborar com o setor industrial por meio de inovações, invenções e consultoria, uma vez que, de acordo com documento oficial do *ranking* (THE, 2016), tal interação tornou-se uma das principais missões da academia contemporânea. Por meio desta categoria procura-se capturar essa atividade de transferência de conhecimento, analisando-se o quanto de receita cada instituição obtém da indústria por meio da pesquisa em comparação com o número de funcionários acadêmicos que emprega. Averigua-

se, assim, até que ponto as empresas estão dispostas a pagar pela pesquisa e a capacidade da universidade em atrair financiamento no mercado comercial – indicadores úteis de qualidade institucional.

3.2.5 Perspectiva internacional (5%)

Os indicadores desta categoria são: *Relação de funcionários nacionais e internacionais* e *Relação de estudantes nacionais e internacionais*.

A categoria está relacionada à capacidade de uma universidade de ‘cooperar’ e ‘dialogar’ com instituições estrangeiras, bem como de atrair estudantes de graduação e pós-graduação de todo o planeta, o que é considerado pelos idealizadores como ‘chave’ do sucesso institucional. Este fator é medido pela relação entre o número de estudantes internacionais e nacionais. Também se calcula a proporção do total de publicações de uma universidade em periódicos de pesquisa com pelo menos um coautor internacional. De acordo com o THE (2016), a atratividade de estudantes de graduação e pós-graduados e de professores de todo o planeta é uma característica central para o ‘sucesso’ no cenário mundial.

Para além do *ranking* mundial, o THE também elabora uma série de *rankings* específicos, que são baseados na mesma metodologia. São eles: *Rankings* das Universidades do Japão; da Ásia; da Europa; da América Latina; do BRICS e de economias emergentes; dos Estados Unidos¹; *Ranking* de Reputação Mundial; e a Classificações de Jovens Universidades.

É interessante notar os slogans publicados pelo THE em sua página oficial: ‘Ajudar as universidades a alcançarem a excelência’, ‘Definindo a agenda na educação superior por cinco décadas’, ‘Ajudar as universidades a melhorar através da análise de desempenho.

Ademais, cumpre esclarecer que o conteúdo completo dos materiais é exclusivo para assinantes, que devem ‘comprar’ a *expertise* das instituições sobre educação superior. Assim, além de vitrine e mediador para o mercado de mobilidade acadêmica internacional, os *rankings* também podem ser considerados, eles próprios, mercadorias, uma vez que devem ser adquiridos, em seu formato integral, pelas instituições, governos e alunos.

4 Considerações finais: rankings e implicações para a governança transnacional e institucional

Corroboramos com Halzenkorn (2013) no entendimento que os *rankings* são vistos como uma pista para uma ampla gama de partes interessadas sobre a qualidade do produto educacional. Para os alunos, eles indicam os potenciais benefícios que a realização universitária poderia proporcionar na perspectiva do futuro da sua empregabilidade e salário; para os empregadores, sinalizam a ‘qualidade’ dos diplomados de uma determinada IES; para o governo e os formuladores de políticas, podem sugerir o nível de qualidade a atingir antes as normas internacionais, bem como o seu potencial de impacto e capacidade econômica; para as IES, proporcionam um meio de avaliação do desempenho; e para o público, os *rankings* fornecem informações referentes ao desempenho e à produtividade das IES de uma forma simples e compreensível.

Assim, a significativa capacidade de governança desses instrumentos tem desdobramentos na sociedade civil e na sociedade política, considerando a própria criação de um mercado de *rankings*, o âmbito das formulações políticas, as instituições universitárias e as relações acadêmicas de uma forma geral, os aspectos ligados ao financiamento e ao acesso ao

¹ Em parceria com o *Wall Street Journal*.

crédito, bem como as influências nos processos de mobilidade acadêmica internacional e até mesmo nas questões referentes à imigração.

Especialmente no que tange à gestão das universidades, os *rankings* também se convertem em ferramentas que ‘facilitam’ a ‘cooperação’ entre as universidades e a atração de talentos, fomentando a colaboração e as associações para a investigação, os programas de mobilidade para estudantes e professores, importantes referenciais para se identificar as instituições com as quais colaborar. Não obstante os aspectos positivos do incremento da cooperação e dos programas de mobilidade internacional, torna-se importante refletir sobre os motivos que induzem esses processos, bem como os resultados que, por meio deles, visa-se alcançar. (THIENGO, 2018).

Outras implicações são: a crescente utilização do inglês como língua padrão dos cursos de pós-graduação e também as ações de marketing que passam a ser promovidas a partir deste “rótulos” ou “selos” de qualidade/excelência.

Paralelamente à preocupação generalizada dos governos e instituições em relação aos *rankings*, um mercado para a própria criação de *rankings* e instituições para levantamento de dados foi (e ainda está sendo) estabelecido, tanto no que se refere aos *rankings* globais quanto aos regionais e locais.

Todavia, além das instituições produtoras de *rankings*, é preciso considerar as outras organizações/consultorias de educação superior de alcance global que com elas colaboram (o THE, por exemplo, serve-se do trabalho de outras instituições com frequência). A parceria, em alguns casos, ocorre no âmbito da coleta de dados para elaboração de *rankings*, assim como na organização conjunta de eventos e fóruns com o objetivo de publicizar o tema em voga. Entre as instituições colaboradoras, destacam-se: *Elsevier*, *Parthenon-EY* e Academia de Educação Superior.

De acordo com Ball (2014), Barabasch e Petrick (2012), estas empresas são especializadas em oferecer suporte material, técnico e ainda recursos financeiros, assessorias para implantação, mensuração, plataforma tecnológica, dados e informações estatísticas, serviços de comparações, criação de *rankings*, entre outros serviços. Assim, dentre as funções primordiais destas empresas está a ‘produção de fatos’ e ‘verdades’ a partir dos números.

Também foram criados novos empreendimentos especializados nos *rankings*, como os aplicativos para *smartphones* em que é possível comparar universidades e *rankings*, conferências, especializações e consultorias. Ou seja, essas iniciativas representam formas de transformar em mercadoria os dados do ensino superior.

É interessante notar que os principais *rankings* globais oferecem palestras e seminários em vários países do mundo, a fim de ‘orientar’ a utilização desses meios para escolha das futuras universidades, criando formas de interação direta com o público-alvo, neste caso, os estudantes e suas famílias. Estas instituições ranqueadoras também patrocinam grandes fóruns e eventos, que têm como objetivo discutir os *rankings*. Aliás, o número de eventos com esse escopo tem crescido consideravelmente nos últimos anos.

De outra maneira, os *rankings* passam a ser utilizados pelas consultorias internacionais de *rating*. Empresas como estas trabalham com *ratings* ou notações de crédito, que são opiniões sobre risco de crédito com as quais se avalia a capacidade e disposição de um emissor, como uma corporação, uma universidade, um governo estadual ou municipal, para cumprir suas obrigações financeiras.

Robertson e Olds (2012) afirmam que as agências de notação de crédito desempenham um papel-chave cada vez mais importante na governança global do ensino superior ao

produzirem as suas avaliações sobre a viabilidade do crédito das universidades e, portanto, da capacidade da universidade em contrair empréstimos a taxas respeitáveis. Sinclair (2005) chama a atenção para o fato de a classificação de crédito ser um grande negócio, uma vez que as duas principais agências de notação de crédito, a *Moody's* e a *Standard & Poor's*, movimentam em torno de 30 trilhões de dólares em títulos a cada ano.

Por fim, importa destacar que, cada vez mais, os *rankings* vem adquirindo expressividade na discussão da gestão acadêmica, nos setores de comunicação e *marketing* das universidades, na criação de setores e estratégias de acompanhamento desses resultados, bem como de adequação das estratégias/planos de desenvolvimento institucionais aos indicadores dos principais *ranking*. (THIENGO, 2018). Indubitavelmente, os *rankings* vieram para ficar e constituem-se, desse modo, um importante campo de estudos e de desafios para as IES.

Referências

AZEVEDO, M. L. N. Educação e *benchmarking*: meta-regulação e coordenação de políticas baseadas em indicadores e nas chamadas 'boas-práticas'. In: SEMINÁRIO NACIONAL UNIVERSITAS, 14. 18 a 20 maio 2016, Maringá. **Anais...** Maringá: UEM, 2016. p. 1407-1442. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/xxivuniversitas/anais/trabalhos_6.htm>. Acesso em 2 maio 2017.

BALL, S. J. **Educação global S.A.:** Novas redes políticas e o imaginário neoliberal. Ponta Grossa: UEPG, 2014.

BARABASCH, A.; PETRICK, S. Multi-level policy transfer in Turkey and its impact on the development of the vocational education and training (VET) sector. **Globalisation, Societies and Education**, v.10, n.1, p.119-143, 2012.

CALDERÓN, A. I. A responsabilidade social da educação superior: uma leitura à luz das mudanças discursivas da UNESCO. In: Endipe - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, v.1, p.30-42, 2010.

DALE, R. Globalização e educação: demonstrando a existência de uma "Cultura Educacional Mundial Comum" ou localizando uma "Agenda Globalmente Estruturada para a Educação"? **Educação & Sociedade, Campinas**, v.25, n.87, mai./ago. 2004. p.423-460.

GREK, S. Atores do conhecimento e a construção de novos cenários de governança: o caso da direção-geral de educação e cultura da comissão europeia. **Educação & Sociedade, Campinas**, v.37, n.136, jul./set. 2016. p.707-726.

HAZELKORN, E. Reflections on a Decade of Global Rankings: What We've Learned and Outstanding Issues. **Beitraege zur Hochschulforschung**, Munique, n.2, 2013, p.8-33.

LOURENÇO, H. S.; CALDERÓN, A. I. Rankings acadêmicos na educação superior: mapeamento da sua expansão no espaço ibero-americano. **Acta Scientiarum**, Maringá, v.37, n.2, p.187-197, 2015.

MOURA, B. A.; MOURA, L. B. A. Ranqueamento de universidades: reflexões acerca da construção de reconhecimento institucional. **Acta Scientiarum. Education**, Maringá, v.35, n.2, p.213-222, dez. 2013.

NUNES, E. Rankings internacionais: a irresistível polêmica em torno de seus sentidos e metodologias. **Revista Ensino Superior (online)**, n. 12, jan./mar. 2014. Disponível em: <<https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/rankings-internacionais-a-irresistivel-polemica-em-torno-de-seus-sentidos-e-metodologias>>. Acesso em: 16 abr. 2017.

ORDORIKA, I.; GÓMEZ, R. R. El ranking Times en el mercado del prestigio universitario. **Perfiles Educativos**, v.32, n.129, p.8-22, 2010.

ROBERTSON, S. L. A Geopolítica dos Rankings na “Classificação Mundial” das Universidades. **A página da educação**, n.185, 2009, p.20-21.

ROBERTSON, S. L.; OLDS, K. **World University Rankings: On the New Arts of Governing (Quality)**. Bristol, Reino Unido: Centre for Globalisation, Education and Societies, p.1-20, 2012.

SANTOS, S. M. **O desempenho das universidades brasileiras nos rankings internacionais: áreas de destaque da produção científica brasileira**. 2015. 344 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SHANGHAI RANKING. **Discovering world-class: academic ranking of world universities 2016**. Shanghai: Shanghai Ranking, 2016. Disponível em: <https://issuu.com/cwcu/docs/academic_ranking_of_world_universit_838d4b02ae1326>. Acesso em: 10 abr. 2017.

THE. **Times Higher Education**. 2016. Disponível em: <<https://www.timeshighereducation.com/>>. Acesso em 13 abr. 2017.

THIENGO, L.C. **Universidades de Classe Mundial e o consenso pela excelência: tendências e manifestações globais e locais**. 2018. 366f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2018.